

AQUISIÇÃO DE ESTRUTURAS POSSESSIVAS: POSSE INALIENÁVEL E QUANTIFICADORES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Fernanda Mendes¹

RESUMO

Aprofundou-se a análise sintático-semântica de estruturas possessivas inalienáveis apresentada em Mendes (2015), observando, em dados de aquisição do português brasileiro, o seu comportamento em estruturas quantificadas por *todo(a)*, *todos(as)* *os(as)* e *cada*, já que parece haver uma distribuição complementar entre as interpretações disponíveis relativas à combinação entre os quantificadores que encabeçam o sintagma possuidor e os elementos que acompanham o sintagma possuído. De acordo com Lopes (2014) e Algave (2009), estruturas possessivas inalienáveis quantificadas apresentariam, na presença do determinante definido, uma preferência pela interpretação distributiva atrelada a uma leitura inalienável e, na presença do pronome possessivo, uma interpretação variante.

Palavras-chave: posse inalienável; quantificadores; aquisição da linguagem; hipótese inatista; português brasileiro.

ABSTRACT

This research increased the syntactic-semantic analysis of inalienable possession structures presented in Mendes (2015), observing their behavior in Brazilian Portuguese acquisition data in structures quantified by *todo(a)*, *todos(as)* *os(as)* e *cada*, as there seems to be a complementary distribution between the interpretations available in those constructions according to their combination

¹ Pesquisadora colaboradora (pós-doutorado) no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: fernanda.mds@gmail.com.

with the quantifiers that introduce the possessor and the element that modifies the possessed. According to Lopes (2014) and Algave (2009), quantified inalienable possessive structures would present, with definite determiners, a preference for distributive interpretation linked to an inalienable reading and, with possessive pronouns, to a variant interpretation.

Keywords: inalienable possession; quantifiers; language acquisition; Innateness Hypothesis; Brazilian Portuguese.

1. Introdução

A presente pesquisa visa examinar como se dá a aquisição de estruturas possessivas inalienáveis em que o sintagma possuído contém nomes de partes do corpo (NPC) e nomes relacionais (NR) ocorrendo com determinantes definidos e pronomes possessivos, enquanto o sintagma possuidor contém quantificadores tais como *todo(a)*, *todos(as)* *os(as)* e *cada* em português brasileiro (doravante PB), como ilustrado nos exemplos em (1a-c) e (2a-c) abaixo.

(1) PB – Possuidores quantificados & Nomes de partes do corpo (NPC)

- | | | | | |
|----|-------------------------|----------|--------------------------------------|------------------------------------|
| a. | <i>Toda</i> menina | | <i>o(s)</i> nariz(es) | <i>o(s)</i> olho(s) |
| b. | <i>Cada</i> menina | pintou | <i>o(s)</i> <i>seu(s)</i> nariz(es) | <i>o(s)</i> <i>seu(s)</i> olho(s) |
| c. | <i>Todas as</i> meninas | pintaram | <i>o(s)</i> nariz(es) <i>dela(s)</i> | <i>o(s)</i> olho(s) <i>dela(s)</i> |

(2) PB – possuidores quantificados & Nomes relacionais (NR)

- | | | | | |
|----|-------------------------|-----------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| a. | <i>Toda</i> menina | | <i>o(s)</i> pai(s) | <i>o(s)</i> tio(s) |
| b. | <i>Cada</i> menina | abraçou | <i>o(s)</i> <i>seu(s)</i> pai(s) | <i>o(s)</i> <i>seu(s)</i> tio(s) |
| c. | <i>Todas as</i> meninas | abraçaram | <i>o(s)</i> pai(s) <i>dela(s)</i> | <i>o(s)</i> tio(s) <i>dela(s)</i> |

Partindo dos pressupostos da Gramática Gerativa e assumindo a Hipótese Inatista chomskyana, este artigo se baseia em pesquisas que tratam da aquisição de quantificadores, tais como Lopes (2014), Katsos *et al* (2012), Roeper *et al* (2011, 2004), Algave (2009), Gomes *et al* (2007), Smits *et al* (2007), Mussolino & Lidz (2006), Lidz & Mussolino (2002) e Philip (1995), bem como se apoia em trabalhos que discutem a aquisição de estruturas de posse inalienável, tais como Mendes (2015, 2010), Floripi & Nunes (2009), Munn *et al* (2006), Schaeffer & Mathewson (2005), Pérez-Leroux *et al* (2004, 2002a,b), Schaeffer (2002), Vergnaud & Zubizarreta (1992) e Guéron (1985), para explicar as diferentes interpretações disponíveis para as coocorrências entre possuidores quantificados – por

todo(a), todos(as) os(as) e cada em PB – e sintagmas possuídos contendo nomes inalienáveis – NPC e NR – acompanhados de determinantes definidos e pronomes possessivos, como ilustram os exemplos em (1) e (2) acima, que serão discutidos em detalhes na seção seguinte.

De acordo com os achados de Mendes (2015) acerca da aquisição de estruturas possessivas inalienáveis, combinados aos resultados provenientes de Lopes (2014) e Algave (2009) sobre a aquisição de estruturas quantificadas, hipotetiza-se que, estruturas possessivas inalienáveis quantificadas apresentariam, na gramática infantil do PB, uma preferência pela interpretação distributiva atrelada, por um lado, a uma leitura inalienável quando presente o determinante definido na estrutura do sintagma possuído, ou, por outro lado, a uma interpretação variante (entre a leitura alienável e inalienável, a depender do contexto em que se apresentam), quando presente o pronome possessivo preposicionado na estrutura do sintagma possuído. Sendo essa combinação entre as interpretações distributiva e coletiva e as leituras alienável e inalienável restringidas à medida em que a criança converge à gramática adulta.

Este trabalho se constitui, especialmente, como um aprofundamento da pesquisa de Mendes (2015), na qual é explorada a aquisição de estruturas possessivas inalienáveis em PB comparada à aquisição dessas mesmas estruturas em inglês americano. E, assim como a última, o presente artigo também propõe a realização de um estudo experimental, coletando dados transversais de crianças e adultos falantes nativos de PB por meio de testes de compreensão elaborados à luz da literatura pertinente, além de se basear, previamente, na realização de um estudo longitudinal.

Na seção seguinte será apresentada uma breve revisão da literatura das áreas exploradas nesse trabalho – a saber, a aquisição de posse inalienável e a aquisição de quantificadores –, além de apresentar a proposta deste estudo. Na seção 3, serão apresentados os experimentos dessa pesquisa, bem como a metodologia adotada em cada tipo de coleta e seus respectivos resultados e discussões. E, por fim, na seção 4, serão apresentadas as considerações finais.

2. No campo das ideias: viés teórico

2.1. Aquisição de posse inalienável

De acordo com Mendes (2015), o estudo da posse inalienável se vincula diretamente ao estudo da posse funcional², já que em estruturas possessivas inalienáveis também é possível a ocorrência de

² Posse funcional é definida, baseado em Castro (2006), como aquela que contém um pronome possessivo responsável

um pronome possessivo lexicalizado marcando a relação possuído-possuidor, muito embora ele não seja estritamente necessário nessas construções do PB para a vinculação de tal interpretação, como ilustram os exemplos em (3) e (4) abaixo.

- (3) a. A Roberta_i pintou o nariz *dela*_{i/k}.
 b. A Roberta_i pintou o nariz *t*_i.
 c. A Roberta_i pintou o nariz_k.
- (4) a. A Roberta_i abraçou a mãe *dela*_{i/k}.
 b. A Roberta_i abraçou a mãe *t*_i / *pro*_k.

Observa-se, nos exemplos (3a-b) e (4a-b) acima, a possibilidade interpretativa inalienável em que o sujeito *A Roberta* realiza a ação em uma parte do próprio corpo ou em alguém com quem estabelece uma relação intransferível (no caso, *parentesco*), independentemente da presença do pronome possessivo lexicalizado na sentença, podendo o possuidor ser realizado também como uma categoria vazia anafórica (*vestígio 't'*) coindexada a um possuidor externo – relação evidenciada pelo índice *i*.

A possibilidade interpretativa alienável também se faz possível nos exemplos (3a-c) e (4a-b), em que o sujeito *A Roberta* realiza a ação em uma parte do corpo não pertencente ao seu próprio corpo – podendo se referir a uma parte do corpo de outra pessoa ou ainda como um objeto independente, no sentido de Vergnaud & Zubizarreta (1992) – ou em alguém com quem não estabelece uma relação intransferível, independentemente da presença do pronome possessivo lexicalizado na sentença, podendo o possuidor ser realizado também, conforme Floripi & Nunes (2009), como uma categoria vazia pronominal (*pronome resumptivo 'pro'*) correferente a um possuidor fora do domínio da sentença – relação evidenciada pelo índice *k*.

pela relação de posse estabelecida na sentença, tal como exemplificam as sentenças em (i) e (ii) abaixo.

- (i) a. A Roberta_i pintou a caixa *dela*_{i/k}.
 b. A Roberta_i pintou a caixa_k.
- (ii) a. A Roberta_i abraçou o garoto *dela*_{i/k}.
 b. A Roberta_i abraçou o garoto_k.

Observa-se que, diferentemente dos exemplos em (3) e (4), nos exemplos em (i) e (ii) não é possível estabelecer o mesmo tipo de relação possessiva inalienável, uma vez que nomes tais como *caixa* e *garoto* não veiculam uma relação intransferível tal como NPCs e NRs, tornando a relação possuído-possuidor possível apenas por meio do pronome possessivo lexicalizado na sentença.

O inglês americano, no entanto, apresenta o padrão oposto, dependendo estritamente da presença do pronome possessivo para que a interpretação inalienável seja veiculada, como ilustram (5a) e (6a) abaixo. Na presença de determinantes definidos, portanto, apenas a leitura alienável pode ser veiculada, como mostram os exemplos em (5b) e (6b) abaixo.

- (5) a. Megan_i painted her_i nose.
 b. Megan_i painted the nose_k.
 (6) a. Megan_i hugged her_i mother.
 b. Megan_i hugged the mother_k.

Dessa forma, para que a interpretação possessiva inalienável seja instituída em PB, além de uma vinculação possuidor-possuído submetida às exigências dos Princípios de Ligação (CHOMSKY, 1981), é necessário que o sintagma possuído contenha nomes que denotem relações inalienáveis – tais como NPCs e NRs – e um determinante definido expletivo (cf. VERGNAUD & ZUBIZARRETA, 1992) em sua estrutura, já que, como ilustram os exemplos em (7) abaixo, não é possível que essa mesma relação seja estabelecida com outros tipos de determinantes ou mesmo na ausência destes.

- (7) a. A Roberta_i pintou *um* nariz_k.³
 b. A Roberta_i pintou *esse* nariz_k.
 c. A Roberta_i pintou nariz_k.

Assumindo-se, de acordo com Vergnaud & Zubizarreta (1992), que determinantes definidos expletivos disponibilizam a leitura inalienável e determinantes definidos substantivos disponibilizam a leitura alienável, Mendes (2015) propõe que línguas como o PB apresentariam ambos os tipos de determinantes definidos, enquanto línguas como o inglês americano apresentariam apenas determinantes definidos substantivos, fator que distinguiria os padrões opostos apresentados por essas línguas no que se refere a esse tipo de construção possessiva.

Baseada nos estudos como os de Mendes (2010), Pérez-Leroux *et al* (2004, 2002a,b) e Schaeffer (2002), Mendes (2015) propõe que a aquisição de estruturas possessivas inalienáveis se submeta a uma restrição tardia relacionada ao tipo de determinante definido que introduz o sintagma possuído, sendo a tarefa da criança, portanto, “descobrir”, partindo dos dados do *input* referentes ao sistema de

3 Neste caso, trata-se do determinante indefinido *um* e não do numeral *um*, que poderia ocorrer com nomes inalienáveis não-únicos, tais como *mão*, como em (i) abaixo.

- (i) A Roberta_i pintou *uma* mão *t*.

possessivos, se a sua gramática-alvo dispõe de ambos os tipos de determinantes definidos ou apenas dos determinantes definidos substantivos, uma vez que as crianças falantes de ambas as línguas partiriam de uma mesma gramática mais abrangente que engloba ambos os tipos de determinantes.

Os resultados obtidos nessa pesquisa corroboram com as previsões aventadas acima, mostrando que ambas as interpretações são aceitas por crianças mais jovens falantes de ambas as línguas tanto quando ocorrem com determinantes definidos quanto quando ocorrem com pronomes possessivos, sendo essa flexibilidade de coocorrências interpretativas restringida àquelas pertinentes à gramática-alvo à medida que elas ficam mais velhas.

2.2. Aquisição de estruturas possessivas inalienáveis quantificadas

Em relação às estruturas quantificadas, além de outros estudos muito importantes neste campo, tais quais Gomes *et al* (2007), Lidz & Mussolino (2002) e Philip (1995), tem-se, examinando especificamente os dados de aquisição do PB, os trabalhos de Lopes (2014) e Algave (2009), que discutem a aquisição de construções contendo os quantificadores universais *todo(a)* e *todos(as) os(as)* interagindo com um quantificador existencial, tal como *um(a)*⁴, como ilustram os exemplos em (8) abaixo.

- (8) a. *Toda menina tem um cachorro.*
b. *Todas as meninas têm um cachorro.*

Nesses trabalhos, as autoras investigam a preferência pela a interpretação distributiva, ilustrada na Figura 1 abaixo, ou coletiva, ilustrada na Figura 2 abaixo, decorrentes dessas estruturas com base em um estudo experimental aplicado tanto a um grupo infantil, constituído por crianças de 2;00 a 6;00 anos de idade, quanto a um grupo adulto – também chamado de *grupo controle*.

Figura 1: Interpretação distributiva

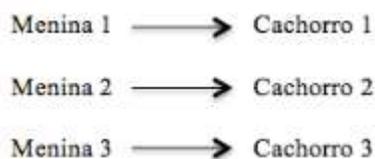
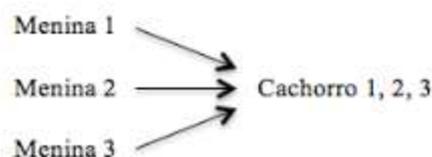


Figura 2: Interpretação coletiva⁵



4 As chamadas *Donkey Sentences*.

5 Neste caso, os índices numéricos 1, 2, 3 indicam que se trata apenas de um cachorro, no entanto, este único cachorro pertence concomitantemente à menina 1, à menina 2 e à menina 3.

Ambas as autoras se apoiam na hipótese de Mussolino *et al* (2000, 2002), segundo a qual essas duas possibilidades interpretativas são explicadas por meio da chamada *Teoria do Isomorfismo*, que se baseia na estrutura hierárquica e nas relações de c-comando entre os quantificadores universais e existenciais, resultando na leitura isomórfica, isto é, uma estrutura interpretativa que coincide com a ordem linear; ou na leitura não-isomórfica, ou seja, uma estrutura interpretativa que não coincide com a ordem linear, em que os sintagmas são interpretados em lugares diferentes da estrutura superficial em que aparecem, dependendo de um movimento coberto em LF.

De acordo com os resultados obtidos nessas pesquisas, foi observado um favorecimento generalizado da interpretação distributiva por parte das crianças, enquanto, em relação ao grupo controle, foi observada uma variação entre as duas interpretações disponíveis conforme o traço de número do sintagma quantificado.

Isto é, enquanto exemplos contendo um sintagma quantificado singular, como em (8a) acima, veicula preferencialmente a interpretação distributiva, exemplos contendo um sintagma quantificado plural, como em (8b) acima, veicula preferencialmente a interpretação coletiva. O que mostra, segundo Lopes (2014), que em PB, essa disparidade se apoia na concordância morfológica nominal.

Assumindo-se, de acordo com Mussolino & Lidz (2006), que a ambiguidade interpretativa ocorre quando o sintagma quantificado está em uma posição acima do elemento com o qual ele interage – seja este elemento um quantificador existencial ou a negação –, este trabalho propõe uma investigação sobre a interação entre um sintagma quantificado e um sintagma possessivo inalienável, dado que apenas neste contexto – em que ocorre um possuidor lexicalizado ou nulo – seja possível o exame das diferentes interpretações apresentadas acima na interação entre quantificadores e estruturas contendo determinantes definidos, já que estruturas como em (9) abaixo, apenas uma das interpretações estaria disponível em PB (a saber, a interpretação coletiva), enquanto em estruturas como (10) abaixo, ambas as interpretações podem ocorrer.

- (9) a. *Toda menina* tem / brinca com *a bola*.
b. *Todas as meninas* têm / brincam com *a bola*.
- (10) a. *Toda menina* lava *a cabeça*.
b. *Todas as meninas* lavam *a cabeça*.

Conforme as intuições provenientes de falantes nativos adultos de PB, observa-se uma distribuição complementar entre as interpretações disponíveis – alienável e inalienável – com respeito

à combinação entre o tipo de quantificador que introduz o sintagma possuidor e o tipo de elemento que acompanha o sintagma possuído.

Observa-se que em construções como (11) abaixo, em que há uma combinação entre o quantificador *todo(a)* introduzindo o sintagma possuidor e um determinante definido introduzindo um sintagma possuído, que a leitura distribucional relacionada à uma interpretação inalienável é preferencialmente veiculada na gramática adulta do PB – semelhante ao que ocorre em estruturas possessivas inalienáveis não-quantificadas.

- (11) a. *Toda menina pintou o nariz.*
 b. *Toda menina abraçou o pai.*

Ou seja, sentenças como (11a) acima são preferencialmente interpretadas como a Figura 3 abaixo, podendo, muito embora não seja a opção preferencial, também veicular a interpretação coletiva alienável, ilustrada na Figura 4. Entretanto, neste último caso, se trataria de uma parte do corpo independente⁶, e não de uma parte do corpo pertencente a outra pessoa.

Figura 3: Distr. – Inal.

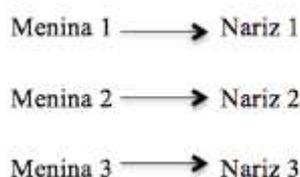
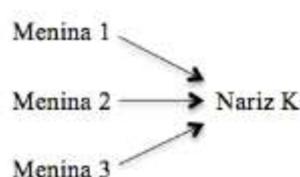


Figura 4: Col. – Al.



Interessantemente, é possível, ainda neste contexto, perceber a diferença dialetal entre as interpretações disponíveis na gramática adulta do PB, quando comparados NPCs e NRs. No caso do exemplo em (11b) acima, observa-se que, tal qual (11a), é possível uma interpretação distributiva inalienável, como ilustra a Figura 5 abaixo. Porém, em alguns dialetos⁷, ainda é possível derivar uma interpretação coletiva, em que o sintagma possuído *o pai*, pode se referir ao pai de quem profere a sentença – em que se extrapola o foco desta pesquisa –, como na Figura 6 abaixo.

6 Tal como um nariz de plástico ou ainda o desenho de um nariz no papel. Essa diferença está ilustrada nas figuras que se seguem na presente seção de maneira que *números* (1, 2, 3, 4) se referem à pessoas e *letras maiúsculas* (K, X, Y, Z) se referem a objetos independentes.

7 Em dialetos como o catarinense, o gaúcho e o paulista (de Santos).

Figura 5: Distr. – Inal.

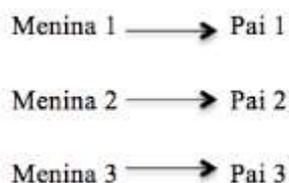
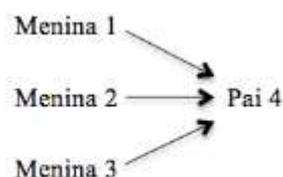


Figura 6: Col. – Al.



Em construções em que há uma combinação entre o quantificador *todo(a)* introduzindo o sintagma possuidor e um pronome possessivo simples de 3ª pessoa do singular encabeçando o sintagma possuído, como em (12a) abaixo, nota-se uma preferência ainda pela interpretação distributiva, no entanto, neste caso essa interpretação pode ser relacionada tanto à leitura inalienável quanto à leitura alienável (em exemplos com NPCs), como mostra a Figura 7 a seguir.

- (12) a. *Toda menina pintou o seu nariz.*
 b. *Toda menina abraçou o seu pai.*

Figura 7: Distr. – Inal. | Al.

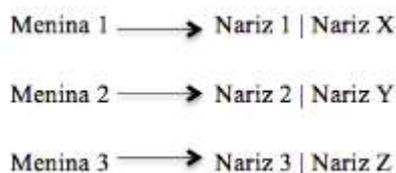
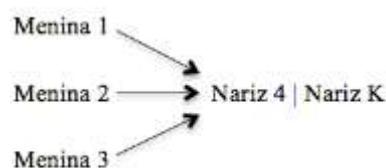


Figura 8: ColAl.



Além dessa, ainda é possível haver uma interpretação coletiva relacionada à leitura alienável, ilustrada na Figura 8 acima, em que a parte do corpo pode tanto se tratar de uma parte do corpo independente, quanto pertencer a outra pessoa. No entanto, nesse caso, o pronome possessivo *seu*, ambíguo em PB, se refere à 2ª pessoa do singular *você* (que faria o papel do interlocutor discursivo), e não mais à 3ª pessoa do singular – foco deste artigo.

Daí a possibilidade de haver essa mesma interpretação coletiva, sem restrição dialetal no PB, na presença do possessivo *seu* em estruturas contendo NRs, tal como (12b) acima, ilustrado na Figura 10 abaixo. A Figura 9, portanto, exhibe a interpretação distributiva relacionada apenas à leitura inalienável, já que a leitura alienável não poderia ser relacionada à interpretação distributiva, neste caso, pela natureza do nome.

Figura 9: Distr. – Inal.

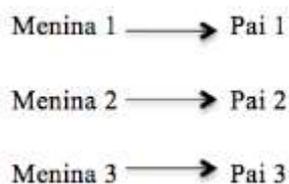
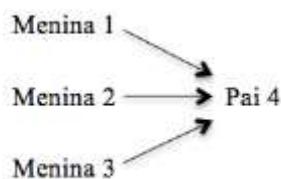


Figura 10: Col. – Al.



Já em construções em que há uma combinação entre o quantificador *todo(a)* introduzindo o sintagma possuidor e um pronome possessivo preposicionado de 3ª pessoa do singular acompanhando o sintagma possuído, como em (13) abaixo, observa-se a veiculação da interpretação coletiva relacionada à leitura alienável, podendo, no caso de NPCs, como em (13a), se tratar de uma parte do corpo independente ou ainda de uma parte do corpo pertencente à outra pessoa, como ilustrado na Figura 11 a seguir, ou, no caso de NRs, como em (13b), se tratar de alguém com quem a relação inalienável seja estabelecida fora dos limites da sentença.⁸

- (13) a. *Toda menina pintou o nariz dela.*
 b. *Toda menina abraçou o pai dela.*

Figura 11: Col. – Al.

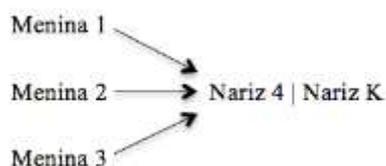
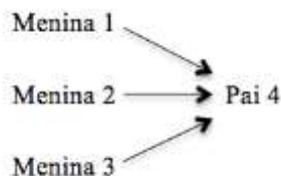


Figura 12: Col. – Al.



Observa-se, nas construções quantificadas por *todo(a)*, que estruturas com o pronome possessivo preposicionado de 3ª pessoa do singular não disponibilizam a leitura distribucional em PB, sendo restritas apenas à interpretação coletiva veiculando a leitura alienável, enquanto estruturas com o determinante definido e o pronome possessivo simples de 3ª pessoa do singular disponibilizam preferencialmente a interpretação distribucional, veiculando ambas as leituras – a depender da natureza da categoria possuidor atrelado ao tipo de nome.

⁸ A interpretação distributiva vinculada à leitura inalienável, no entanto, é observada apenas quando o sintagma possuído é modificado por *mesma*, construção que foge ao foco da presente pesquisa. Neste caso, os exemplos seriam tais como aqueles apresentados em (i) e (ii) abaixo.

- (i) *Toda menina pintou o nariz dela mesma.*
 (ii) *Toda menina abraçou o pai dela mesma.*

As construções com *cada* parecem exibir um padrão complementar em relação às construções com *todo(a)*, ao menos no que se refere ao determinante definido e o pronome possessivo preposicionado de 3ª pessoa do singular – uma vez que as interpretações disponíveis para a coocorrência entre esse quantificador e o pronome possessivo simples de 3ª pessoa do singular, como em (14) abaixo parecem ser as mesmas, como ilustram as Figuras 13 e 14, relativas a NPCs, e 15 e 16, relativas a NRs, a seguir, repetidas aqui por conveniência.

(14) a. *Cada menina pintou o seu nariz.*

b. *Cada menina abraçou o seu pai.*

Figura 13: Distr. – Inal. | Al.



Figura 14: Col. – Al.

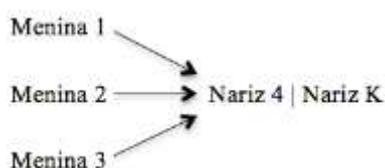


Figura 15: Distr. – Inal.

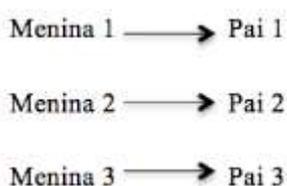
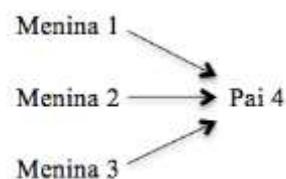


Figura 16: Col. – Al.



Assim, em construções como (15) abaixo, em que há uma combinação entre o quantificador *cada* introduzindo o sintagma possuidor e um determinante definido introduzindo o sintagma possuído, contrariamente às construções com *todo(a)*, a leitura coletiva relacionada à uma interpretação alienável é favorecida na gramática adulta do PB, tanto quando o sintagma possuído contém NPCs quanto quando ele contém NRs⁹, como ilustram as Figuras 17 e 18 a seguir.

(15) a. *Cada menina pintou o nariz.*

b. *Cada menina abraçou o pai.*

9 Neste caso, também é observada a mesma diferença dialetal apontada anteriormente em relação aos NRs ocorrendo com o quantificador *todo(a)*.

Figura 17: Col. – Al.

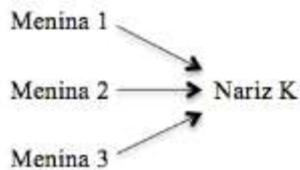
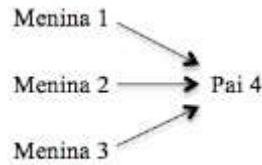


Figura 18: Col. – Al.



Já em construções como (16) abaixo, em que há uma combinação entre o quantificador *cada* introduzindo o sintagma possuidor e o pronome possessivo preposicionado de 3ª pessoa do singular acompanhando o sintagma possuído, observa-se, em oposição às construções com *todo(a)*, o favorecimento da interpretação distribucional, veiculando tanto a leitura inalienável quanto a leitura alienável – quando presentes NPCs, no último caso –, como mostram as Figuras 19 e 20 a seguir.

- (16) a. *Cada menina pintou o nariz dela.*
b. *Cada menina abraçou o pai dela.*

Figura 19: Distr. – Inal. | Al.

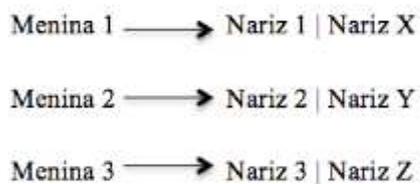
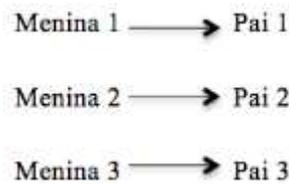


Figura 20: Distr. – Inal.



Comparando-se, então, construções com *todo(a)* e construções com *cada* em PB, tem-se que enquanto estruturas contendo determinantes definidos e pronomes possessivos preposicionados de 3ª pessoa do singular exibem um padrão interpretativo complementar, as leituras disponíveis em estruturas contendo pronomes possessivos simples de 3ª pessoa do singular se assemelham, no primeiro caso, às estruturas com determinantes definidos, enquanto, no último, essas leituras se assemelham às estruturas com pronomes possessivos preposicionados de 3ª pessoa do singular.

Já as construções com *todos(as) os(as)* parecem exibir ambos os padrões interpretativos apresentados pelas construções anteriores, sendo a ambiguidade referente à leitura resolvida por meio da concordância nominal morfológicamente marcada no sintagma.

Dessa forma, exemplos como (17) e (18) abaixo, em que há uma combinação entre o quantificador *todos(as) os(as)* introduzindo o sintagma possuidor e o determinante definido introduzindo o sintagma possuído, apresentam, tal qual construções com o quantificador *todo(a)*, uma preferência pela interpretação distribucional relacionada à leitura inalienável quando o sintagma possuído é singular,

como em (17a) e (18a), e, tal qual construções com *cada*, pela interpretação coletiva relacionada à leitura alienável quando o sintagma possuído é plural, como em (17b) e (18b), ilustradas nas Figuras 21 e 22 a seguir.

- (17) a. *Todas as meninas pintaram o nariz.*
 b. *Todas as meninas pintaram os narizes.*
- (18) a. *Todas as meninas abraçaram o pai.*
 b. *Todas as meninas pintaram os pais.*

Figura 21: Distr. – Inal.

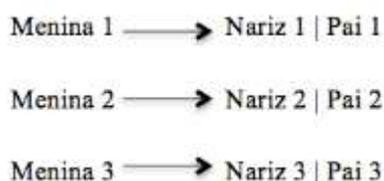


Figura 22: Col. – Al.



Em exemplos como (19) e (20) abaixo, em que há uma combinação entre o quantificador *todos(as) os(as)* introduzindo o sintagma possuidor e o pronome possessivo preposicionado de 3ª pessoa acompanhando o sintagma possuído, é observado o favorecimento da interpretação coletiva relacionada à leitura alienável, tal qual construções com *todo(a)*, quando o sintagma possuído é singular, como em (19a) e (20a), enquanto o favorecimento da interpretação distribucional relacionada à leitura inalienável, tal qual construções com *cada*, é observada quando o sintagma possuído é plural, como em (19b) e (20b).

- (19) a. *Todas as meninas pintaram o nariz dela.*
 b. *Todas as meninas pintaram os narizes delas.*
- (20) a. *Todas as meninas abraçaram o pai dela.*
 b. *Todas as meninas pintaram os pais delas.*

Ambas as interpretações seguem ilustradas nas Figuras 23 e 24 abaixo.

Figura 23: Col. – Al.

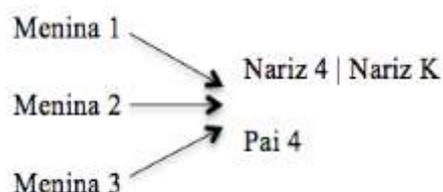
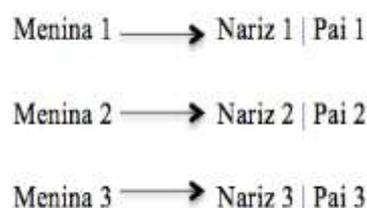


Figura 24: Distr. – Inal.



Por fim, em construções tais quais (21) e (22) abaixo, em que há uma combinação entre o quantificador *todos(as) os(as)* introduzindo o sintagma possuidor e o pronome possessivo simples de 3ª pessoa encabeçando o sintagma possuído, nota-se, quando o sintagma possuído é singular, uma preferência pela interpretação coletiva relacionada à leitura alienável, no caso de NPCs¹⁰ em (21a), e pela interpretação coletiva relacionada à leitura inalienável, no caso de NRs¹¹ em (22a). Já, quando o sintagma possuído é plural, como em (21b) e (22b), é notada uma preferência pela interpretação distribucional relacionada à leitura inalienável.

- (21) a. *Todas as meninas pintaram o seu nariz.*
 b. *Todas as meninas pintaram os seus narizes.*
- (22) a. *Todas as meninas abraçaram o seu pai.*
 b. *Todas as meninas pintaram os seus pais.*

As interpretações pertinentes seguem ilustradas nas Figuras 25 e 26 abaixo.

Figura 25: Col. – Al._{NPC} | Inal._{NR}

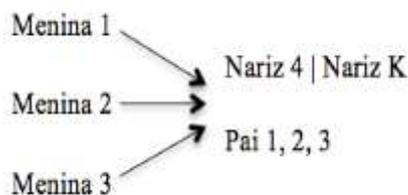
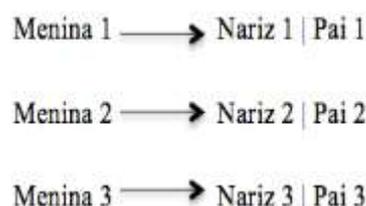


Figura 26: Distr. – Inal.



O Quadro 1 abaixo resume de forma esquemática as interpretações *coletiva* ou *distributiva* relacionadas às leituras *alienável* ou *inalienável* provenientes da coocorrência entre sintagmas possuidores quantificados por *todo(a)*, *cada* e *todos(as) os(as)* e sintagmas possuídos contendo *NPCs* e *NRs* acompanhados por elementos tais quais *determinante definido*, *pronome possessivo simples* e *preposicionados de 3ª pessoa*.

10 Caso em que *o seu nariz* pode tanto se tratar de uma parte do corpo independente que pertence a todas as meninas, quanto o possessivo pode ser de 2ª pessoa do singular *você*. Neste último caso, que não está sendo tratado no presente artigo, também haveria a possibilidade da interpretação coletiva relacionada à leitura alienável com NRs.

11 Caso em que todas as meninas são irmãs, filhas desse mesmo pai. Observe-se que essa opção é disponibilizada pela natureza das relações apresentadas por esse tipo de nome.

Quadro 1: Interpretações disponíveis conforme o cruzamento *elemento vs. quantificador* em PB

| Elemento Quantificador | Todo(a) | Cada | Todos(as) os(as) |
|--|--|--|--|
| Determinante definido | ↑ Distr. – Inal. ↓ Col. – Al. | ↓ Distr. – Inal. ↑ Col. – Al. | Distr. – ↑Inal. (sg) ↓Al. (sg) Col. – Al. (pl) |
| Pronome possessivo simples | ↑ Distr. – Inal. Al. ↓ Col. – Al. | ↑ Distr. – Inal. Al. ↓ Col. – Al. | Distr. – ↑Inal. ↓Al. (pl) Col. – Al. _{NPC} (sg) Inal. _{NR} (sg) |
| Pronome possessivo preposicionado | * Distr. ↑ Col. – Al. | ↑ Distr. – Inal. Al. ↓ Col. – Al. | Distr. – ↑Inal. (pl) ↓Al. (pl) Col. – ↑Al. (sg) ↓Al. (pl) |

De acordo com os exemplos apresentados nesta seção e resumidos no Quadro 1 acima, tem-se que, a interpretação coletiva veicula a leitura alienável – exceto nos casos em que sintagmas possuidores quantificados por *todos(as) os(as)* e sintagmas possuídos introduzidos por pronomes possessivos simples contendo NRs coocorrem –, enquanto a interpretação distributiva é ambígua em relação ao tipo de leitura que pode veicular, dependendo, dessa forma, dos elementos presentes no sintagma possuído – determinantes ou possessivos (simples ou preposicionados) e o tipo de nome inalienável (NPC ou NR) – além da relação entre o sintagma possuído e o quantificador que introduz o sintagma possuidor.

A tarefa da criança é, portanto, restringir o uso de determinados elementos, aparentemente livres em PB em estruturas contendo possuidores não quantificados, ao tipo de quantificação presente no sintagma possuidor, para adequar as interpretações disponíveis na sua gramática à gramática-alvo.

Sabendo-se que esta não é uma tarefa simples, uma vez que depende de restrições sintático-semânticas muito sutis relacionadas ao tipo de determinante/pronome possessivo e ao tipo de possuidores, bem como ao tipo de quantificador presente na estrutura, esta pesquisa visa aprofundar os estudos acerca da posse inalienável por meio de um estudo experimental descrito na seção 3 adiante.

3. No campo da prática: viés experimental

Este estudo pode ser apresentado de acordo com dois momentos de análise de dados, sendo um relativo à coleta longitudinal e outro à coleta experimental. Assim, segue-se, na seção 3.1 abaixo, a metodologia e a análise dos dados referentes à coleta longitudinal. E na seção 3.2, em seguida, são apresentadas a metodologia e a análise dos dados concernentes à coleta transversal.

3.1. Coleta longitudinal

A coleta de caráter longitudinal, definida por Scarpa (2001:204) como uma técnica de recolhimento de dados provenientes de um número baixo de informantes em que todas as faixas etárias são observadas (desde o início da infância até a fase em que a gramática infantil se equipara à gramática adulta), permite o acompanhamento do processo de aquisição através das diferentes gramáticas intermediárias pelas quais a criança passa ao longo do seu progresso linguístico e se fez indispensável para o olhar inicial do presente trabalho, em que se procurou fazer um levantamento das ocorrências naturalísticas das estruturas em questão.

3.1.1. Metodologia

Para a coleta de dados longitudinais foram analisados os arquivos de cinco informantes infantis, em diferentes faixas etárias, pertencentes a dois *corpora* já existentes.

De forma detalhada, foram analisados os arquivos dos informantes L¹², T¹³ e R¹⁴, pertencentes ao CEDAE (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”), vinculado à UNICAMP e os arquivos dos informantes AC¹⁵ e G¹⁶, pertencentes ao CEAAL (Centro de Estudos de Aquisição e Aprendizagem da Linguagem), vinculado à PUC-RS.

Em cada arquivo, disponível em formato *.doc*, foi utilizada a ferramenta *Localizar* para os seguintes quantificadores: *todo*, *toda*, *todos (os)*, *todas (as)* e *cada*. O resultado da busca foi analisado de acordo com os propósitos desta pesquisa e segue na subseção abaixo.

3.1.2. Análise

De acordo com o resultado da busca realizada nos arquivos das crianças citadas acima, apenas os arquivos de três delas apresentaram dados contendo os quantificadores *todo*, *toda*, *todos (os)*, *todas*

12 Faixas etárias: 1;04, 1;05, 1;06, 1;07, 1;08, 1;09, 1;10, 1;11, 2;01, 2;02, 2;03, 2;04.

13 Faixas etárias: 2;02, 2;03, 2;04, 2;05, 2;06, 2;07, 2;08, 2;09, 3;00.

14 Faixas etárias: 1;02, 1;03, 1;04, 1;05, 1;06, 1;07, 1;08, 1;09, 1;11, 2;00, 2;01, 2;02, 2;03, 2;04, 2;05, 2;06, 2;07, 2;08, 2;09, 2;10, 3;00, 3;02, 3;03, 3;04, 4;09.

15 Faixas etárias: 1;08, 1;10, 2;01, 2;03, 2;08, 3;00, 3;07.

16 Faixas etárias: 1;10, 2;01, 2;03, 2;08, 3;00, 3;06.

(as) e cada, a saber, os de AC¹⁷, os de G¹⁸ e os de R¹⁹ – os arquivos de L e de T, portanto, não possuem nenhum dado de interesse para este estudo.

No entanto, como se pode observar nos dados recolhidos dessas três crianças, em (23) – (55)²⁰ abaixo, nenhuma das ocorrências contendo quantificadores diz respeito àquela estrutura apresentada anteriormente, em que encabeçariam um sintagma possuidor.

- (23) tá [*] fazendo a massa p(r)a [*] **todo** mundo (AC, 3;00)
- (24) **toda** essa coisa pequeninha é Brasil (AC, 3;07)
- (25) **todo** o leite (G, 2;03)
- (26) ele tomou **todo** o leite (G, 2;03)
- (27) essa é **toda** colorida assim azul [*], vermelho [*] (G, 2;08)
- (28) aconteceu que **todos** saiu pra +... (G, 3;00)
- (29) é **todos** (G, 3;00)
- (30) então ela vai **toda** se enfeitando (G, 3;00)
- (31) **todos** são coloridos (G, 3;06)
- (32) vamos tirar **todos** dela? (G, 3;06)
- (33) **todas** essas coisas de olhar no espelho e pentear (G, 3;06)
- (34) **cada** (R, 1;04.19)
- (35) **cada** (R, 1;07.13)
- (36) (es)ta **toda** mol(h)ada? (R, 2;00.12)
- (37) pra **todo** mundo brinca(r) # # pra **todo** mundo brinca(r) (R, 2;01.16)
- (38) eu vou conta(r) uma estória pa(ra) **todo** mundo (R, 2;04.19)
- (39) **todo** na vassoula [“] vassoura (R, 2;07.29)
- (40) de **todos** (R, 2;08.04)
- (41) cabô, cabô, os **todos** (R, 2;08.04)
- (42) come **todo** mundo (R, 2;09.10)

17 Os arquivos das faixas etárias de 3;00 e de 3;07.

18 Os arquivos das faixas etárias de 2;03, de 2;08, de 3;00 e de 3;06.

19 Os arquivos das faixas etárias de 1;04, de 1;07, de 2;00, de 2;01, de 2;04, de 2;07, de 2;08, de 2;09, de 2;10, de 3;00, de 3;02, de 3;03 e de 4;09.

20 Sendo os dados (23)-(24) de AC; os dados (25)-(33) de G e os dados (34)-(55) de R.

- (43) enrolan(d)o xxx **todo** mundo (R, 2;09.10)
- (44) xx olha **todo** mundo no Rio de Janelo [“] Janeiro (R, 2;10.00)
- (45) **todo** mundo (es)tá (al)moçando e a Dani (es)tá [/] e a Daniela (es)tá fazen(d)o barulho (R, 3;00.15)
- (46) ahi # # porque # **todo** mundo é igual? (R, 3;00.25)
- (47) é # # **todo** mundo (R, 3;00.25)
- (48) ahi porque xxx **todo** mundo corto(u) a barriga não o +... (R, 3;00.25)
- (49) papai morreu # **todo** mundo morreu (R, 3;02.13)
- (50) **todo** mundo (R, 3;02.13)
- (51) **todas** coisa que está aqui ó vô pegá (R, 3;03.00)
- (52) é porque eu # eu sei **todo** dia que é de vela (R, 4;09.00)
- (53) é # ele fala assim # **todo** mundo fala # # fala nossa # que Alexandre chato # **todo** mundo fala isso (R, 4;09.00)
- (54) **todos** (es)tá comendo (R, 4;09.00)
- (55) (es)tá quase começan(d)o a chover # # porque # # **todo** mundo p(a)ra casa (R, 4;09.00)

Em sua maioria, nota-se o uso do quantificador *todo* em expressões como *todo mundo* ou *todo dia* (45%), seguido do uso do quantificador *todo(s) / toda(s)* (34%), que, em apenas três dessas ocorrências encabeça um sintagma nominal, que, por sua vez, porém, não se trata de um sintagma possessivo. Em menor escala, também se pode notar um uso dos quantificadores em estruturas que denotam completude (15%), como (25), (26), (27), (30) e (36) acima; e, por fim, o uso solto de *cada* (6%).

Assim, embora tenha sido observado o uso, ainda que diminuto, dos quantificadores *todo*, *toda*, *todos (os)*, *todas (as)* e *cada* na fala infantil, suas ocorrências não correspondem às estruturas de interesse desta pesquisa – em que os quantificadores citados estariam encabeçando um sintagma nominal possuidor numa construção de posse inalienável –, ainda que essa estrutura apareça na fala adulta presente nos *corpora* analisados, como em (56) abaixo.

- (56) **cada** lata [//] tem **sua** tampa (MOTHER [R, 1;06.06])

Dessa forma, devido aos poucos resultados advindos da análise de fala naturalística, como já

previsto neste estudo, justificou-se a aplicação de uma pesquisa de cunho experimental, para que as estruturas em questão pudessem ser analisadas na gramática infantil em comparação com a gramática adulta.

3.2. Coleta transversal

Já a coleta transversal²¹, caracterizada por Scarpa (2001:204) como uma técnica de recolhimento de dados provenientes de um número alto de informantes em que as faixas etárias observadas são previamente especificadas de acordo com os achados de estudos anteriores, permite testar com maior profundidade certos aspectos do objeto em questão e se faz imprescindível neste trabalho, uma vez que as estruturas estudadas dispõem de uma complexidade maior para a sua produção e tampouco houve um número robusto de ocorrências em dados naturalísticos.

3.2.1. Metodologia

Para a coleta de dados transversais, foram aplicados dois testes *offline*, *Teste 1* e *Teste 2*, a 74 informantes infantis, detalhados na Tabela 1 abaixo, e a cinco informantes adultos, que compuseram o grupo controle deste experimento.

Tabela 1: Quantidade de informantes infantis *Teste 1* e *Teste 2*

| | 4;0 | 5;0 | 6;0 | 7;0 | 8;0 | 9;0 | Total |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| Crianças | 22 | 21 | 10 | 8 | 7 | 6 | 74 |

Os informantes infantis foram divididos em dois grupos, *G1* e *G2*. O *G1* foi composto por crianças mais jovens, de 4;0 a 6;0 anos de idade, e o *G2* foi composto por crianças mais velhas, de 7;0 a 9;0 anos de idade.

Porém, é importante ressaltar que nem todas as crianças puderam participar de todos os testes e, mesmo quando elas participaram, ainda foram descartadas as participações de alguns informantes

²¹ A aplicação dos testes foi permitida mediante autorização dada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – vide o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) identificando esta pesquisa, disponível online no site da Plataforma Brasil. Além disso, cada uma das escolas também autorizou a aplicação dos testes e, por fim, os pais de cada uma das crianças assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação delas nos experimentos, bem como a utilização dos seus dados nesta pesquisa. No caso dos adultos, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também foi assinado por cada um dos participantes autorizando a aplicação dos testes e a utilização dos seus dados neste trabalho.

infantis pelo fato de não passarem por um critério de exclusão estabelecido dentro dos testes relacionado ao seu desempenho com respeito aos distratores. Assim, na subseção seguinte, será descrito o número de informantes em cada teste.

Os *Teste 1* e *Teste 2* foram baseados na Tarefa de Seleção de Figura (TSF)²², um método experimental usado para recolhimento de dados de compreensão caracterizado por Gerken & Shady (1996) como “uma tarefa de compreensão em que ao ouvinte é apresentado um estímulo linguístico (por exemplo, uma palavra ou uma sentença) e é pedido para que ele selecione, de um conjunto de figuras, aquela que corresponde melhor a ele”²³ (p. 125), que foi adotado neste trabalho para verificar a interpretação semântica de contrastes morfossintáticos específicos, uma vez que se procurou “inferir a natureza das representações morfossintáticas infantis examinando os tipos de erros de compreensão que elas cometem”²⁴ (p. 126).

Ambos os testes se basearam na história “O mestre mandou”, que faz referência a uma brincadeira infantil em que um participante é o mestre, dando ordens, e os outros são os seus seguidores, obedecendo a essas ordens.

Assim, os testes continham um mestre, a Dona Coelha – um fantoche de pano em forma de coelha que foi manuseado para explicar a brincadeira, fazer a habituação e dar as ordens do teste –, que foi gravada em áudio e vídeo, e os seus seguidores, uma série de outros personagens de brinquedo, que foram fotografados desempenhando as ordens do mestre.

No início dos testes a Dona Coelha explica para a criança como funciona a brincadeira “O mestre mandou”²⁵ e apresenta os amigos que irão brincar com ela durante a habituação e durante os testes. Em ambos os testes, para a série em que serão analisadas estruturas que contêm nomes de partes do corpo, são apresentados seis bonecos²⁶ e partes do corpo soltas do Senhor Cabeça de Batata – com as quais esses seis bonecos brincam durante o teste. Já para a série em que serão analisadas estruturas que contêm nomes relacionais, são apresentadas duas famílias contendo filhos, pais, avós

22 O método experimental TJJVV (Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade) também estava previsto na presente pesquisa, porém não foi possível a sua aplicação.

23 Do original: “a comprehension task in which the listener is presented with some linguistic stimulus (e.g., a word or a sentence) and asked to select from a set of pictures the one that best corresponds to it” (GERKEN & SHADY, 1996:125).

24 Do original: “to infer the nature of children’s morphosyntactic representations by examining the types of comprehension errors that they make” (GERKEN & SHADY, 1996:126).

25 Para a certificação de que a criança entendeu como funciona a brincadeira, a Dona Coelha convida a pesquisadora a ser o mestre e a criança a ser sua seguidora por um turno, e, no turno seguinte, terem seus papéis invertidos – sendo a criança o mestre da pesquisadora.

26 Os seis bonecos eram: a Dora e o Diego, a Emília e uma outra boneca, e dois ratos humanizados.

e uma babá.

Na fase de habituação foram apresentadas três sentenças-teste, uma com cada quantificador pesquisado, gravadas em áudio e vídeo, exemplificadas em (57) – (59) abaixo, e, na tela seguinte, foram apresentadas as suas respectivas interpretações possíveis, além de uma distratora, em forma de imagens fotográficas, como exemplifica a Imagem 1 em seguida.

(57) O mestre mandou cada criança segurar uma fruta.

(58) O mestre mandou toda menina segurar um carrinho.

(59) O mestre mandou todos os meninos segurarem uma espada.

Imagem 1: Tela 1 - sentença de habituação (57) | Tela 2 - leituras possíveis



Em seguida, iniciou-se a apresentação dos testes em si, que foram compostos, cada um, por 24 sentenças-teste e 8 distratores, totalizando dois testes, 48 sentenças-teste e 16 distratores.

Enquanto o *Teste 1* envolveu os quantificadores *todo* e *cada*, como mostram os exemplos (60) – (83) abaixo, o *Teste 2* envolveu os quantificadores *todos os / todas as*, como exemplificam as sentenças-teste (84) – (107) em seguida..

(60) O mestre mandou toda menina tocar o nariz.

(61) O mestre mandou todo menino tocar a sua cabeça.

(62) O mestre mandou toda criança tocar a boca dela.

(63) O mestre mandou todo menino tocar a orelha.

(64) O mestre mandou toda criança tocar o seu braço.

(65) O mestre mandou toda menina tocar o olho dela.

(66) O mestre mandou cada menina tocar o nariz.

(67) O mestre mandou cada menino tocar a sua cabeça.

- (68)O mestre mandou cada criança tocar a boca dela.
- (69)O mestre mandou cada menino tocar a orelha.
- (70)O mestre mandou cada criança tocar o seu braço.
- (71)O mestre mandou cada menina tocar o olho dela.
- (72)O mestre mandou toda criança abraçar a mãe.
- (73)O mestre mandou toda criança abraçar o seu pai.
- (74)O mestre mandou toda criança abraçar a babá dela.
- (75)O mestre mandou toda criança abraçar o avô.
- (76)O mestre mandou toda criança abraçar a sua avó.
- (77)O mestre mandou toda criança abraçar o irmão dela.
- (78)O mestre mandou cada criança abraçar a babá.
- (79)O mestre mandou cada criança abraçar a sua mãe.
- (80)O mestre mandou cada criança abraçar o pai dela.
- (81)O mestre mandou cada criança abraçar o irmão.
- (82)O mestre mandou cada criança abraçar o seu avô.
- (83)O mestre mandou cada criança abraçar a avó dela.
- (84)O mestre mandou todas as meninas tocarem o nariz.
- (85)O mestre mandou todos os meninos tocarem a sua cabeça.
- (86)O mestre mandou todas as crianças tocarem a boca delas.
- (87)O mestre mandou todos os meninos tocarem a orelha.
- (88)O mestre mandou todas as crianças tocarem o seu braço.
- (89)O mestre mandou todas as meninas tocarem o olho delas.
- (90)O mestre mandou todas as meninas tocarem os narizes.
- (91)O mestre mandou todos os meninos tocarem as suas cabeças.
- (92)O mestre mandou todas as crianças tocarem as bocas delas.
- (93)O mestre mandou todos os meninos tocarem as orelhas.
- (94)O mestre mandou todas as crianças tocarem os seus braços.
- (95)O mestre mandou todas as meninas tocarem os olhos delas.

- (96) O mestre mandou todas as crianças abraçarem a mãe.
- (97) O mestre mandou todas as crianças abraçarem seu pai.
- (98) O mestre mandou todas as crianças abraçarem a babá delas.
- (99) O mestre mandou todas as crianças abraçarem o avô.
- (100) O mestre mandou todas as crianças abraçarem a sua avó.
- (101) O mestre mandou todas as crianças abraçarem o irmão delas.
- (102) O mestre mandou todas as crianças abraçarem as babás.
- (103) O mestre mandou todas as crianças abraçarem as suas mães.
- (104) O mestre mandou todas as crianças abraçarem os pais delas.
- (105) O mestre mandou todas as crianças abraçarem os irmãos.
- (106) O mestre mandou todas as crianças abraçarem os seus avôs.
- (107) O mestre mandou todas as crianças abraçarem as avós delas.

Embora ambos sigam um padrão estrutural semelhante, as sentenças-teste resultam da interação de quatro variáveis (2x3x2x2) no *Teste 1* – quantificador (todo e cada); determinante (definido, possessivo simples e possessivo preposicionado); tipo de nome inalienável (partes do corpo e relacional); e unicidade do nome inalienável (único e não-único) – e da interação de cinco variáveis (1x3x2x2x2) no *Teste 2* – quantificador (todos os/todas as); determinante (definido, possessivo simples e possessivo preposicionado); tipo de nome inalienável (partes do corpo e relacional); número do nome inalienável (singular e plural); e unicidade do nome inalienável (único e não-único).

Com respeito aos exemplos do *Teste 1*, aqueles em (60) – (65) e (72) – (77) contêm o quantificador *todo* no sintagma nominal possuidor, enquanto aqueles em (66) – (71) e (78) – (83) contêm o quantificador *cada*. Sendo que os exemplos em (60) – (71) contêm nomes de partes do corpo no sintagma nominal possuído, enquanto os exemplos em (72) – (83) contêm nomes relacionais, e os exemplos em (60) – (62), (66) – (68), (72) – (74) e (78) – (80) contêm nomes inalienáveis (de partes do corpo e relacionais) únicos, enquanto os exemplos em (63) – (65), (69) – (71), (75) – (77) e (81) – (83) contêm nomes inalienáveis (de partes do corpo e relacionais) não-únicos. Esses sintagmas nominais contendo nomes inalienáveis, por sua vez, contêm um determinante definido, um pronome possessivo simples e um pronome possessivo preposicionado, respectivamente.

Já em relação aos exemplos do *Teste 2*, aqueles em (84) – (95) contêm nomes de parte do

corpo no sintagma nominal possuído, enquanto os aqueles em (96) – (107) contêm nomes relacionais. Sendo que os exemplos em (84) – (89) e (96) – (101) contêm nomes inalienáveis (de partes do corpo e relacionais) singulares, enquanto os exemplos em (90) – (95) e (102) – (107) contêm nomes inalienáveis (de partes do corpo e relacionais) plurais, e os exemplos em (84) – (86), (90) – (92), (96) – (98) e (102) – (104) contêm nomes inalienáveis (de partes do corpo e relacionais) únicos, enquanto os exemplos em (87) – (89), (93) – (95), (99) – (101) e (105) – (107) contêm nomes inalienáveis (de partes do corpo e relacionais) não-únicos. Esses sintagmas nominais contendo nomes inalienáveis, por sua vez, contêm um determinante definido, um pronome possessivo simples e um pronome possessivo preposicionado, respectivamente.

Os distratores seguem em (108) – (123) abaixo, sendo que os exemplos em (108) – (110) contêm o quantificador *toda*, os exemplos em (112) – (115) contêm o quantificador *cada* e os exemplos em (116) – (123) contêm o quantificador *todos os / todas as*.

- (108) O mestre mandou toda criança ficar sentada.
- (109) O mestre mandou todo menino ficar de pé.
- (110) O mestre mandou toda criança ficar deitada.
- (111) O mestre mandou toda criança ficar de pé.
- (112) O mestre mandou cada menino ficar deitado.
- (113) O mestre mandou cada menino de pé.
- (114) O mestre mandou cada criança ficar sentada.
- (115) O mestre mandou cada criança ficar de pé.
- (116) O mestre mandou todas as crianças ficarem sentadas.
- (117) O mestre mandou todos os meninos ficarem deitados.
- (118) O mestre mandou todos os meninos ficarem de pé.
- (119) O mestre mandou todas as crianças ficarem de pé.
- (120) O mestre mandou todas as crianças ficarem deitadas.
- (121) O mestre mandou todas as crianças ficarem de pé.
- (122) O mestre mandou todas as crianças ficarem sentadas.
- (123) O mestre mandou todas as crianças ficarem de pé.

Além disso, é importante salientar que os distratores (108) – (109), (112) – (113) e (116) – (119)

foram utilizados nos testes que envolvem nomes de partes do corpo e, portanto, com os personagens que estão participando desta parte da estória, enquanto os distratores (110) – (111), (114) – (115) e (120) – (123) foram utilizados nos testes que envolvem nomes relacionais, utilizando, assim, os personagens que participam desta parte da estória.

Cada uma das sentenças-teste, de (60) – (107) acima, foi apresentada em um slide, em forma de áudio e vídeo, e, na tela seguinte a cada uma dessas sentenças proferidas pela Dona Coelha, foi apresentado um slide contendo três²⁷ ou quatro²⁸ interpretações possíveis, além de uma opção distratora, totalizando, respectivamente, quatro ou cinco imagens que o participante poderia escolher, como exemplificam as Imagens 2 e 3 abaixo.

Imagem 2: Tela 1 – sentença-teste (60) partes do corpo | Tela 2 - leituras possíveis



Imagem 3: Tela 1 – sentença-teste (72) relacionais | Tela 2 - leituras possíveis



No caso das sentenças distratoras, de (108) – (123) acima, seguiu-se o mesmo padrão, sendo

27 No caso de sentenças contendo nomes de partes do corpo no sintagma possuído, a saber: (i) *Leitura distributiva alienável*, (ii) *Leitura distributiva inalienável* e (iii) *Leitura coletiva alienável*. Sendo impossível a *Leitura coletiva inalienável* pela natureza do tipo de nome presente.

28 No caso de sentenças contendo nomes relacionais no sintagma possuído, a saber: (i) *Leitura distributiva alienável*, (ii) *Leitura distributiva inalienável*, (iii) *Leitura coletiva alienável* e (iv) *Leitura coletiva inalienável*.

um slide, em forma de áudio e vídeo, para a apresentação da sentença distratora pela Dona Coelha, e, na tela seguinte, um slide contendo quatro imagens, no caso de fazer parte do teste que contempla nomes de partes do corpo, ou cinco imagens, no caso de fazer parte do teste que contempla nomes relacionais, como exemplificam as Imagens 4 e 5 abaixo.

Imagem 4: Tela 1 - sentença distratora (108) partes do corpo | Tela 2 - leituras possíveis



Imagem 5: Tela 1 - sentença distratora (111) relacionais | Tela 2 - leituras possíveis



Por fim, as sentenças-teste e distratores foram colocadas em ordem aleatória para que não houvesse nenhum tipo de *bias* nos resultados obtidos e a voz utilizada para dublagem da Dona Coelha foi diferente da voz da pesquisadora que conduziu o experimento.

3.2.2. Análise

A análise dos resultados será exposta de acordo com o tipo de nome inalienável envolvido na estrutura do sintagma nominal possuído, nome de parte do corpo ou nome relacional, uma vez que ambos os *Teste 1* e *Teste 2* apresentam sentenças-teste contendo esses dois tipos de nome e essa parece ser a maneira mais adequada para a apresentação dos resultados dessa pesquisa, visto a diferença na natureza desses dois tipos de nomes.

Além disso, tendo-se em vista o *design* e o público-alvo do experimento de coleta transversal, os resultados advindos da aplicação dos *Teste 1* e *Teste 2* foram analisados de acordo com a análise *livre* das respostas, isto é, foram consideradas todas as opções de interpretação possíveis escolhidas pelo informante – o invés de serem analisados de acordo com a análise *preferencial*, em que apenas a primeira opção de interpretação possível escolhida pelo informante era levada em consideração.

3.2.2.1. Nome de parte do corpo

Neste caso, a parte dos testes que envolvem os quantificadores *todo* e *cada* foi aplicada a 29 informantes infantis pertencentes ao *G1* e 18 pertencentes ao *G2*. Já a parte dos testes que envolvem o quantificador *todos os/todas as* foi aplicada a 18 informantes infantis pertencentes ao *G1* e 18 pertencentes ao *G2*. Ambas as partes foram aplicadas ao grupo controle contendo cinco informantes adultos.

Conforme a análise *livre*, observa-se, de maneira geral, uma frequência maior de diferentes interpretações na gramática adulta, enquanto na gramática infantil parece haver uma restrição de outras leituras que não sejam a *Distributiva Inalienável*, como esperado de acordo com a literatura da área.

Além disso, também se nota uma queda de ocorrências da leitura *Distributiva Inalienável* à medida que a gramática criança avança em direção à gramática-alvo, como mostram os Gráficos 1, 2 e 3 abaixo, especialmente em relação àquelas estruturas que têm o determinante definido introduzindo o sintagma possuído.

Gráfico 1: nomes de partes do corpo & quantificador *todo* – análise *livre*

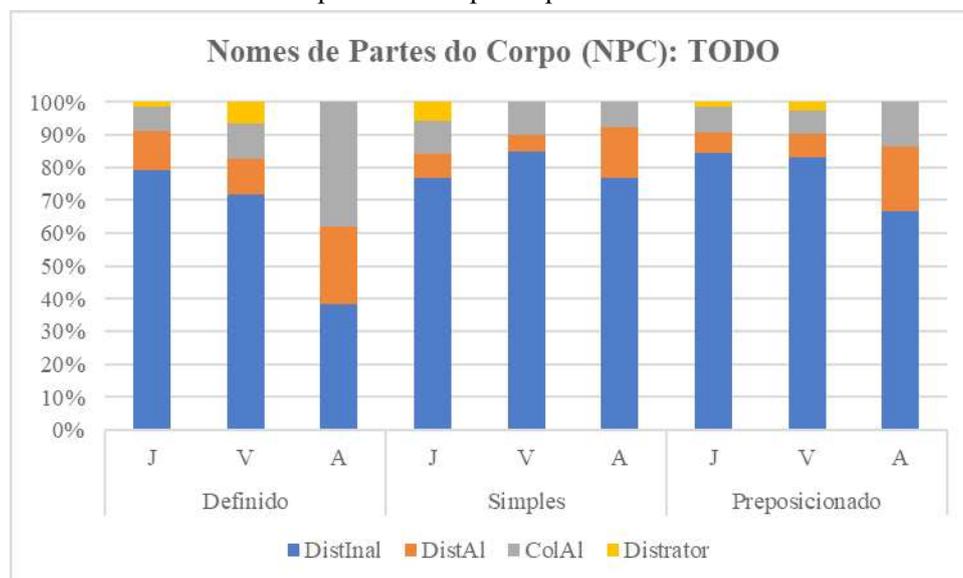
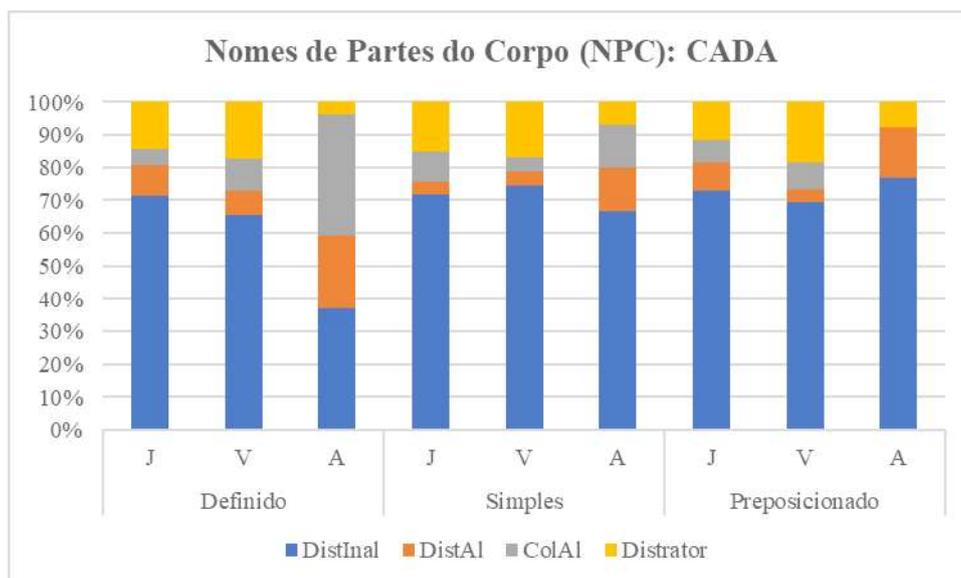
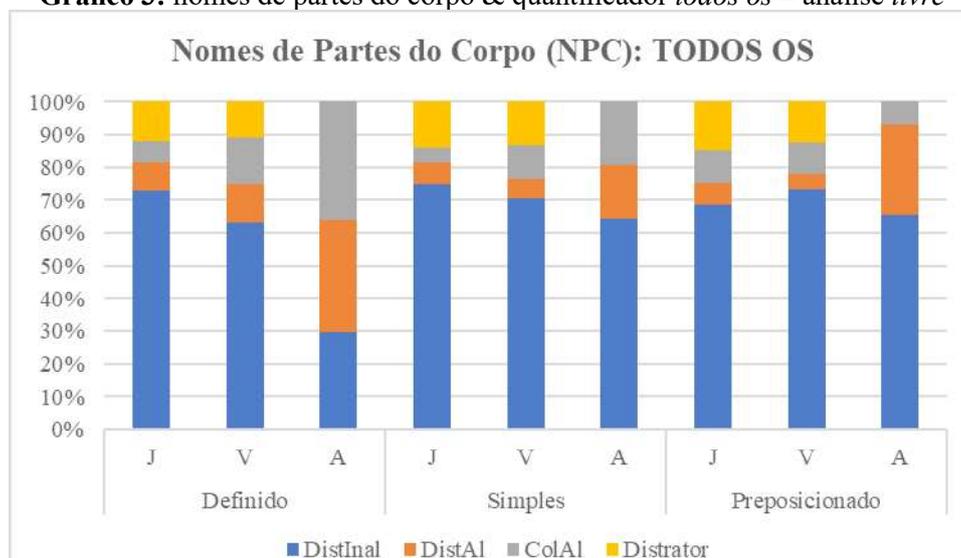


Gráfico 2: nomes de partes do corpo & quantificador *cada* – análise livre**Gráfico 3:** nomes de partes do corpo & quantificador *todos os* – análise livre

Diferentemente do esperado, não foi observada uma diferença significativa entre os resultados recolhidos de acordo com o quantificador, exceto pelo fato de que o quantificador *cada* parece permitir, inclusive na gramática adulta, que o seu escopo não seja exaustivo. Isto é, os distratores internos de cada *slide*-teste continham uma imagem em que apenas um dos participantes atuava de acordo com a “ordem” do mestre da brincadeira, a Dona Coelha.

Além disso, também de forma surpreendente, foi observado que os resultados que dizem respeito a estruturas contendo o pronome possessivo simples se aproximaram dos resultados relacionados às estruturas contendo o pronome possessivo preposicionado, e não dos resultados relativos às estruturas contendo determinantes definidos.

De forma interessante, no caso em que se trata de estruturas inalienáveis quantificadas em PB, a gramática parece apresentar um comportamento diferente daquele apresentado em relação a estruturas inalienáveis não-quantificadas. Ou seja, parece ser o caso de que quando há a possibilidade do uso de pronomes possessivos simples na estrutura, o uso do determinante definido resulta na interpretação alienável, o que implica em consequências na estrutura nominal que necessita estudos mais aprofundados.

3.2.2.2. Nome relacional

Neste caso, a parte dos testes que envolvem os quantificadores *todo* e *cada* foi aplicada a 27 informantes infantis pertencentes ao *G1* e 19 pertencentes ao *G2*. Já a parte dos testes que envolvem o quantificador *todos os/todas as* foi aplicada a 19 informantes infantis pertencentes ao *G1* e 17 pertencentes ao *G2*. Ambas as partes foram aplicadas ao grupo controle contendo cinco informantes adultos.

De acordo com a análise *livre* das estruturas contendo nomes relacionais, contrariamente do que ocorre para aquelas envolvendo nomes de partes do corpo, bem como contrariamente o esperado, é observado, de forma generalizada, uma frequência maior de diferentes interpretações na gramática infantil em comparação com a gramática-alvo. Além disso, também de forma contrária ao que ocorre com estruturas contendo nomes de partes do corpo, parece haver um aumento de ocorrências da leitura *Distributiva Inalienável* à medida que a gramática da criança se aproxima da gramática adulta, como mostram os Gráficos 4, 5 e 6 abaixo, sendo esse aumento ainda mais evidente em relação às estruturas que contêm pronomes possessivos.

Gráfico 4: nomes relacionais & quantificador *todo* – análise *livre*

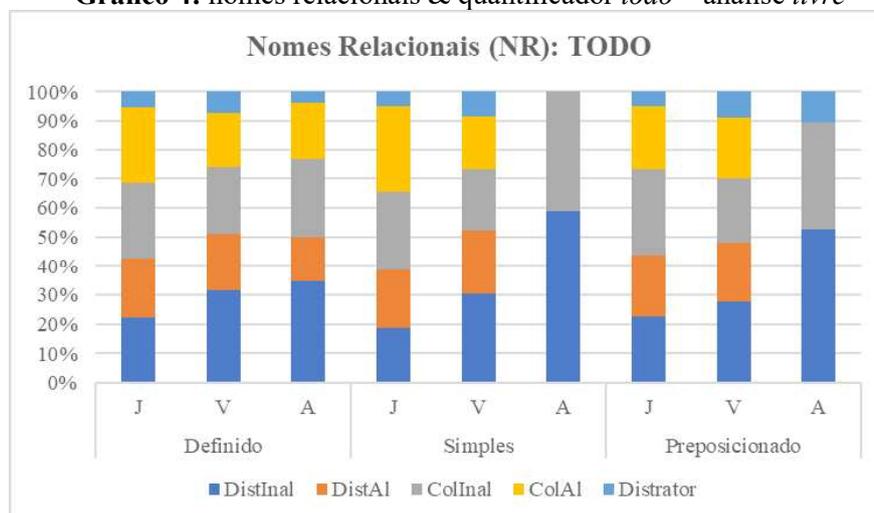
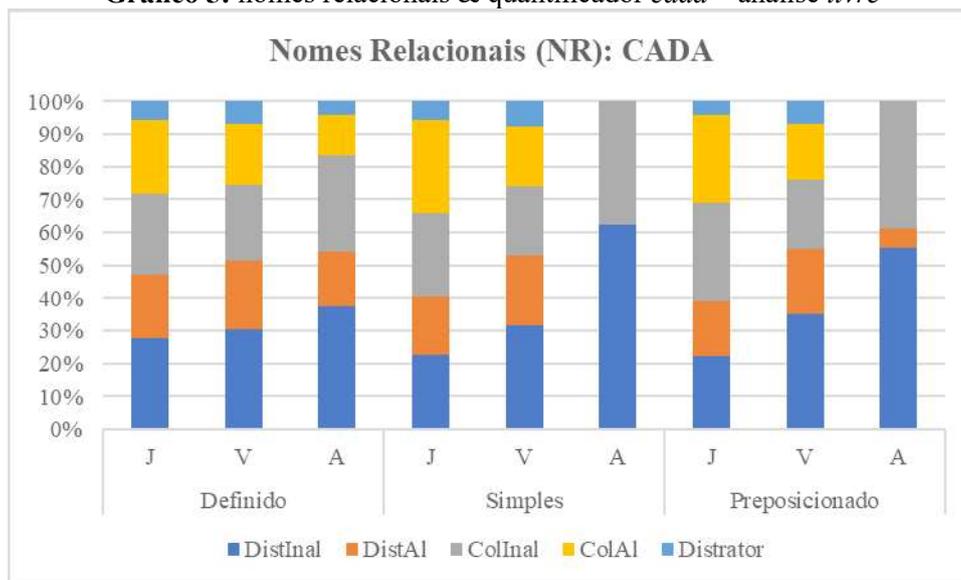
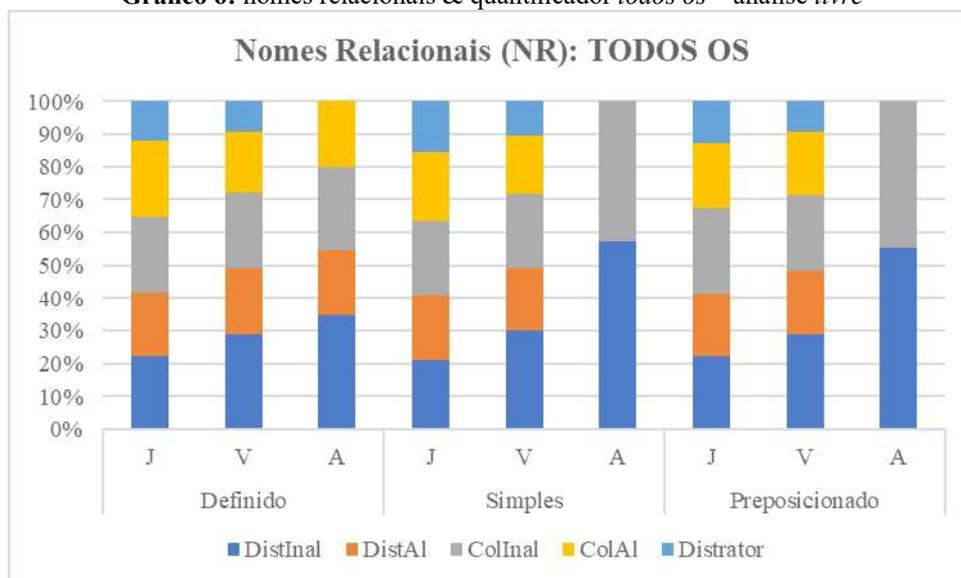


Gráfico 5: nomes relacionais & quantificador *cada* – análise livre**Gráfico 6:** nomes relacionais & quantificador *todos os* – análise livre

Assim como nos resultados relativos às estruturas envolvendo nomes de partes do corpo, nos resultados referentes às estruturas envolvendo nomes relacionais, diferentemente do esperado, também não foi observada uma diferença significativa entre aqueles que dizem respeito ao tipo de quantificador, exceto pelo fato de que o quantificador *todos os* parece ser o único que, inclusive na gramática adulta, não permite que seu escopo seja exaustivo.

Além disso, também não foi observada uma diferença significativa entre os resultados relativos ao tipo de determinante, exceto pelo fato de que a leitura *Distributiva Alienável* não parece ser favorecida, ao menos na gramática adulta, quando presentes pronomes possessivos.

Esse fato corrobora, interessantemente, com a hipótese de que, em estruturas inalienáveis quantificadas, o uso do pronome possessivo parece estar atrelado à leitura inalienável, enquanto o uso do determinante definido parece estar relacionado à leitura alienável, contrariamente ao que acontece em estruturas inalienável não-quantificadas. No entanto, esta é uma hipótese que demanda um estudo mais aprofundado no assunto.

Considerações finais

Aprofundando o estudo feito por Mendes (2015), esta pesquisa procurou investigar, baseando-se nos estudos que tratam da aquisição de quantificadores, tais como Lopes (2014), Katsos *et al* (2012), Roeper *et al* (2011, 2004), Algave (2009), Gomes *et al* (2007), Smits *et al* (2007), Mussolino & Lidz (2006), Lidz & Mussolino (2002) e Philip (1995), bem como se apoia em trabalhos que discutem a aquisição de estruturas de posse inalienável, tais como Mendes (2015, 2010), Floripi & Nunes (2009), Munn *et al* (2006), Schaeffer & Mathewson (2005), Pérez-Leroux *et al* (2004, 2002a,b), Schaeffer (2002), Vergnaud & Zubizarreta (1992) e Guéron (1985), as diferenças estruturais associadas às diferentes interpretações disponíveis na gramáticas infantil e adulta com respeito ao tipo de possuidor quantificado em relação ao elemento que acompanha o sintagma possuído.

Para tanto, tomou possuidores quantificados de 3ª pessoa para analisar as estruturas possessivas inalienáveis acompanhadas por pronomes possessivos simples, além de pronomes possessivos preposicionados e determinantes definidos, em PB.

Foram contemplados, no presente estudo, tanto o desenvolvimento gramatical dos falantes infantis na medida em que se dá o seu progresso linguístico, quanto uma análise, partindo de um recorte transversal, do comportamento detalhado de certos aspectos sintático-semânticos na aquisição de estruturas possessivas inalienáveis quantificadas, examinando essa questão tão pouco discutida de forma minuciosa e colaborando com os estudos inseridos dentro do quadro teórico-experimental.

De acordo com os resultados obtidos, observou-se que estruturas inalienáveis quantificadas apresentam um comportamento oposto àquele apresentado por estruturas inalienáveis não-quantificadas, em que o determinante definido parece estar relacionado à leitura alienável e os pronomes possessivos (simples ou preposicionados) parecem estar relacionados à leitura inalienável.

Além disso, como esperado, notou-se uma ocorrência mais frequente de diferentes interpretações na gramática adulta do que na gramática infantil, que, por sua vez, parece estar, em grande parte,

restrita à leitura *Distributiva Inalienável*, ao menos no caso de estruturas que contêm nomes de partes do corpo no sintagma possuído – uma vez que no caso de estruturas que contêm nomes relacionais é observado um padrão oposto, isto é, há uma frequência maior de diferentes interpretações na gramática infantil, ao invés de ocorrer na adulta, mostrando que nomes de partes do corpo e nomes relacionais não se comportam de forma semelhante, embora sejam considerados, ambos, nomes pertencentes à classe dos inalienáveis.

Objetivou-se com este trabalho, portanto, contribuir com os estudos acerca de quantificadores, uma vez que é bastante explorada a sua ocorrência em estruturas com determinantes indefinidos e com a negação, bem como as relações de escopo que derivam dessas coocorrências.

Agradecimentos

À Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes, pela supervisão e pela orientação desta pesquisa, pela preocupação e por todo apoio durante mais esse ano de trabalho.

Às instituições, às professoras, aos pais ou responsáveis e às crianças que acolheram a ideia deste estudo e me receberam de braços abertos durante todo o período de aplicação experimental.

Ao Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD CAPES), pelo apoio financeiro.

REFERÊNCIAS

ALGAVE, D. P. A aquisição do quantificador universal em português brasileiro. *Língua, Literatura e Ensino*, vol. IV, p.13-23, maio/2009.

FLORUPI, S.; NUNES, J. Movement and resumption in null possessor constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (ed.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. LA 142. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2009, p.51-68.

GERKEN, L.; SHADY, M. E. The picture selection task. In: MCDANIEL, D.; MCKEE, C.; CAIRNS, H. S. *Methods for assessing children's syntax*. Cambridge, MA / London: MIT Press, 1996, p.125-146.

GOMES, A. P. Q.; MÜLLER, A. L. P.; NEGRÃO, E. V. “Todo” em contextos coletivos e distributivos. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 23, p.71-95, 2007.

GUÉRON, J. Inalienable possession, PRO-inclusion and lexical chains. In: GUÉRON, J; OBENAUER, H. G.; POLLOCK, J.-Y. (eds.). *Grammatical representation*. Dordrecht: Foris, 1985, p.43-86.

KATSOS, N. *et al.* The acquisition of quantification across languages: some predictions. *BUCLD 36 proceedings*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2012.

LEITÃO, M. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, M. (org). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

LIDZ, J.; MUSOLINO, J. Children’s Command of Quantification. *Cognition*, n. 84, p.113-154, 2002.

LOPES, R. E. V. How children distribute: the acquisition of the universal quantifier in Brazilian Portuguese. *Revista da ABRALIN*, vol. 13, n. 2, p.351-374, jul/dez 2014.

MENDES, F. Estruturas possessivas: a aquisição de posse inalienável no português brasileiro. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 2015.

MENDES, F. Estruturas possessivas: aquisição de posse funcional e posse inalienável no português brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis. 2010.

MUNN, A.; MILNER, K.; SCHMITT, C. Maximality and plurality in children’s interpretations of definites. In: BAMMAN, D.; MAGNITSKAIA, T.; ZALLER, C. (eds.). *Proceedings of the 30th Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville: Cascadilla Press, 2006, p.377-387.

MUSSOLINO, J.; LIDZ, J. Why children aren’t universally successful with quantification. *Linguistics*, vol. 44, p.817-852, Aug. 2006.

PÉREZ-LEROUX, A. T.; SCHMITT, C.; MUNN, A. Syntactic features and discourse factors in children’s interpretation of definite determiners in inalienable possessions. *Acts de l’ACL*, 2002a; p.245-258.

PÉREZ-LEROUX, A. T.; SCHMITT, C. e MUNN, A. The development of inalienable possession in English and Spanish. In: BOK-BENNEMA, R.; HOLLEBRANDSE, B.; KAMPERS-MANHE, B. e SLEEMAN, P. (Eds.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2002b, p.199-216.

PÉREZ-LEROUX, A. T.; SCHMITT, C., MUNN, A. e DEIRISH, M. Learning definite determiners: genericity and definiteness in English and Spanish. *Boston University on Language Development*, 2004.

PHILIP, W. *Event quantification in the acquisition of universal quantification*. Amherst: University of Massachusetts, 1995.

ROEPER, T.; PEARSON, B. Z.; GRACE, M. Quantifier spreading is not distributive. *BUCLD 35 proceedings*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2011.

ROEPER, T.; STRAUSS, U.; PEARSON, B. Z. *The acquisition path of quantifiers: two kinds of spreading*. University of Massachusetts, 2004.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p203-232.

SCHAEFFER, J. (Revisão). BAAUW, S. Grammatical features and the acquisition of reference: a comparative study of Dutch and Spanish. *Glott International*, vol. 6, no 2-3, p.65-71, Feb-Mar 2002.

SCHAEFFER, J.; MATHEWSON, L. Grammar and pragmatics in the acquisition of article systems. *Natural Language and Linguistics Theory*, 23, p.53-101, 2005.

VERGNAUD, J.-R.; ZUBIZARRETA, M. L. The definite determiner and the inalienable constructions in French and in English. *Linguistic Inquiry*, v. 23, no 4, p.595-65, Fall 1992.